

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE PEDAGOGIA

JULIANA LEANDRIN NUNES

**OFICINAS DE CAPACITAÇÃO: ESPAÇOS PARA DISCUSSÃO SOBRE
SEXUALIDADE E GÊNERO**

MARINGÁ-PR

2012

JULIANA LEANDRIN NUNES

OFICINAS DE CAPACITAÇÃO: ESPAÇOS PARA DISCUSSÃO SOBRE SEXUALIDADE E GÊNERO

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,
Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia,
como requisito de obtenção do título de
Pedagoga, pela Universidade Estadual de
Maringá.

Orientadora: Prof. Dra. Eliane Rose Maio

MARINGÁ-PR

2012

Juliana Leandrin Nunes

**OFICINAS DE CAPACITAÇÃO: ESPAÇOS PARA DISCUSSÃO SOBRE
SEXUALIDADE E GÊNERO**

Prof^a. Dr.^a Eliane Rose Maio
(Orientadora - Universidade Estadual de Maringá)

Prof^a. Ms. Crishna Mirella de Andrade Correa
(Universidade Estadual de Maringá)

Prof^a. Ms. Celma Regina Borghi Rodriguero
(Universidade Estadual de Maringá)

Maringá, 13 de novembro de 2012.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu esposo David, que sempre me ajudou e me apoiou para minha formação, pela atenção, carinho e paciência, sendo sempre um grande companheiro.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me proporcionar a vida.

Aos meus pais, Alcides Leandrin e Cleonir de Fátima Moraes Leandrin, pelo incentivo ao realizar um curso de graduação.

À minha orientadora, Eliane Rose Maio, por me auxiliar neste trabalho e pela oportunidade de participar das Oficinas de Capacitação, agradeço por seu carinho e atenção nos períodos que passamos juntas.

Agradeço às minhas amigas Francielle, Gisele, Rosemeire e Vanessa, que me acompanharam nestes quatro anos de formação.

A todos os meus familiares, que não vou citar nomes para não correr o risco de esquecer alguém, mas, que de alguma forma contribuíram para minha formação.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Gráfico da idade dos participantes das Oficinas de Capacitação para Profissionais da Educação Infantil e Ensino Fundamental.

Figura 2: Gráfico da formação dos participantes das Oficinas de Capacitação para Profissionais da Educação Infantil e Ensino Fundamental.

Figura 3: Gráfico da formação dos participantes das Oficinas de Capacitação para Profissionais da Educação Infantil e Ensino Fundamental.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Atividades realizadas e professores.

Tabela 2: Nome; formação; idade; atuação profissional.

Tabela 3: Idade dos participantes.

Tabela 4: Formação profissional.

Tabela 5: Atuação profissional.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	10
1	IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DOCENTE.....	12
2	CORPO E SEXUALIDADE.....	19
3	UMA ANÁLISE DOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS E REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	22
4	PROCEDIMENTOS PARA A PESQUISA	30
5	ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS	32
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
	REFERÊNCIAS.....	54
	APÊNDICE 1	56
	APÊNDICE 2	57
	APÊNDICE 3	60
	APÊNDICE 4	61

RESUMO

O presente trabalho tem a intenção de trazer discussões acerca da formação do professor sobre as temáticas de sexualidade, educação sexual e gênero dentro das escolas. Para a fundamentação teórica utilizamos autores e documentos que nos mostram a importância de se falar sobre a sexualidade e gênero a fim de esclarecer o porquê é importante este trabalho dentro das instituições escolares, depois aplicamos dois questionários nos participantes do curso de extensão “Gênero e Sexualidade no Espaço Educativo: Oficinas de Capacitação para Profissionais da Educação Infantil, Ensino Fundamental” oferecido para profissionais da educação do município de Maringá, em oito encontros que se realizaram na Universidade Estadual de Maringá. Esta pesquisa nos mostra que os profissionais da educação muitas vezes não se sentem preparados para trabalhar com este tema, eles veem a importância de cursos de capacitação para desmistificar preconceitos da própria educação que receberam. Desta forma podemos afirmar que quanto mais se falar sobre o tema mais conhecimentos se adquire, podendo assim fazer um trabalho consciente, sistematizado e sem preconceitos dentro das instituições escolares.

Palavras-chave: Educação Sexual; Oficinas de Capacitação; Sexualidade e Gênero; Formação Docente.

ABSTRACT

The intention of this work is to bring out discussions about the formation of teachers in relation to themes like sexuality, sexual education and genre in the school. To theoretically justify this work, we analyzed authors and documents which testify the importance of talking about sexuality and genre in order to clarify why it is important to do this work inside the school. After, we applied two surveys to the students of the course “Gênero e Sexualidade no Espaço Educativo: Oficinas de Capacitação para Profissionais da Educação Infantil, Ensino Fundamental”, offered to Maringá education professionals in eight sessions which were held in Universidade Estadual de Maringá. This research showed that the education professionals do not usually feel trained to work with this theme, in a way that they recognize the importance of capacity building courses to demystify the preconceptions created by the education received by these professionals. This way, we can assume that more we this theme could be discussed more knowledge would be absorbed by the education professionals, who consequently could do a conscious and systematized job inside schools, with no preconceptions.

Keywords: Sexual Education; Capacity Building Courses; Sexuality; Genre.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem a intenção de trazer discussões acerca da formação de professores, com temas sobre a formação do professor na questão da educação sexual dentro das escolas, partindo de algumas leituras como Braga (2008), Foucault (1987), Louro (2010) e Figueiró (2006), entre outros autores, para conhecer mais sobre o tema sexualidade, gênero e educação sexual no contexto escolar e fundamentar teoricamente este trabalho. Assim, na primeira seção, destacamos a importância da formação docente e a importância de uma formação adequada para se trabalhar com os temas sexualidade e gênero.

Na seção seguinte, vamos mostrar discussões acerca das construções de corpos, sexualidade e gênero, e como a sociedade e nossa cultura estão ligadas a determinadas referências que fazemos a gestos, atitudes e comportamentos de determinado sujeito. A escola passa a ter responsabilidade de disciplinar os corpos.

Vamos também abrir uma seção para fazer um estudo sobre o que dizem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1997) em relação a um de seus temas transversais, que se relaciona a como se pode trabalhar a Orientação Sexual (termo usado para designar educação sexual nesse documento) dentro das escolas, dando suporte aos educadores e podendo ser considerado uma ferramenta de trabalho interdisciplinar. O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNI) (BRASIL, 1998) também auxilia o profissional da educação infantil em seu planejamento, no trabalho de educar e cuidar.

Na seção sobre procedimentos para pesquisa vamos relatar como se realizaram as pesquisas de campo no curso de extensão “Gênero e Sexualidade no Espaço Educativo: Oficinas de Capacitação para Profissionais da Educação Infantil, Ensino Fundamental”, realizado no município de Maringá, dentro da Universidade Estadual de

Maringá e coordenado pela Professora e Doutora Eliane Rose Maio, tendo sido realizado em oito encontros, com a participação de cinquenta e sete inscritos.

Na seção de análise dos questionários, vamos expor alguns dados sobre os participantes, como iniciais, idade, formação acadêmica e atuação profissional em forma de tabela, como também em gráfico. Vamos expor relatos sobre as questões aplicadas e analisar os dois questionários propostos para os participantes do curso de extensão, sendo um questionário no início do curso e outro ao final. Contamos com a participação de vinte e quatro pessoas que responderam ao nosso questionário, na intenção de saber o que eles gostariam de encontrar neste curso e analisando os motivos que os levaram a procurar as oficinas; saber o que esperavam encontrar nas oficinas; opiniões sobre cursos com este tema e quais são suas experiências sobre gênero e sexualidade na atuação profissional. O segundo questionário foi realizado no final do curso, com a participação de onze pessoas na intenção de saber como estes profissionais trabalham com seus alunos os temas abordados nas oficinas; quais as dificuldades que encontram para trabalhar com estes temas; se gostaram do curso e quais contribuições ele proporcionou para sua vida.

1 IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DOCENTE

Para Tonet (2006), a educação deve emancipar o indivíduo para a vida social, cultural e política, tornando os cidadãos capazes de agir e pensar no progresso da sociedade em que vive. O indivíduo não nasce humano, mas se torna humano pelas apropriações dos conhecimentos construídos historicamente pela pessoa, sendo a educação um instrumento ideológico, de controle do capital e social, na construção de uma sociedade que busca a emancipação humana. Porém, para tanto, é necessário conhecer a realidade social em que a humanidade está vivendo, a fim de contribuir com a sociabilidade, implica também em desenvolver atividades que incentivem as pessoas a participarem das lutas sociais a fim de transformar a realidade por meio de ações práticas.

Vamos encontrar uma contribuição para estes processos de desenvolvimento educacional e de formação humana na formação do pedagogo, que é construída historicamente nos cursos de Pedagogia. A Resolução CNE/CP nº1, de 15 de maio de 2006, que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, em seu artigo 5º, relata que o egresso do curso de Pedagogia deverá estar apto a diversas atividades, entre elas:

[...] demonstrar consciência da diversidade, respeitando as diferenças de natureza ambiental-ecológica, ético-racial, de gêneros, faixas geracionais, classes sociais, religiões, necessidades especiais, escolhas sexuais entre outras (BRASIL, 2006. p. 2).

Como podemos analisar na resolução acima, o pedagogo deve estar apto a trabalhar com as diversidades. Pressupõe-se que em sua formação foram discutidos temas com relação à educação sexual e gênero, questões étnico-raciais, ambientais, além de respeito às escolhas sexuais e religiosas. Alguns destes temas podemos

encontrar nos PCN (BRASIL, 1997), nos temas transversais, mas nem sempre estas discussões são realizadas na formação do profissional de educação.

Apesar dos inúmeros estudos sobre a sexualidade e a sua importância, podemos perceber que, dentro das escolas, o tema transversal dos PCN (BRASIL, 1997) sobre educação sexual, ainda é algo desafiador para os profissionais da educação, pois alguns não querem falar sobre este assunto com os alunos e, outros, ao falar sobre o tema, repassam preconceitos da própria educação que receberam.

Para Braga (2012, p. 211), as instituições educativas como um todo demonstram dificuldades ao trabalharem o tema da sexualidade, por isso a autora defende uma “proposta de educação sexual adequada, consciente e emancipadora”, para que a comunidade educativa possa se tornar capaz de discutir sobre a sexualidade. Braga entende comunidade educativa “como pais/mães, professores/as, direção, equipe pedagógica, administrativa e funcionários/as” (2012, p. 212), sendo eles presentes no cotidiano educativo e responsáveis por cenas referentes à educação e educação sexual.

A formação destes profissionais para trabalhar com os temas de educação sexual e gênero é de fundamental importância para evitar que sejam repassados preconceitos ou ideias inadequadas, formando, assim, cidadãos emancipados em relação ao processo de construção do conhecimento histórico e social dentro das instituições de ensino em relação às temáticas estudadas.

A escola é um espaço de transmissão do saber sistematizado, científico e formal que se organiza historicamente e ao mesmo tempo não consegue falar abertamente sobre sexualidade com seus alunos, como nos afirma Figueiró (2004 *apud* BRAGA 2008, p.148).

[...] a sexualidade é uma das questões que mais tem trazido dificuldades, problemas e desafios aos educadores, no seu trabalho

cotidiano de ensinar. A manifestação da sexualidade dos alunos no espaço escolar ou, mais comumente, na sala de aula, está, de modo geral, exacerbada, tendo em vista a forma como a sociedade atual e os meios de comunicação, em especial, abordam-na. Temos observado forte instigação ao sexo, como também um rompimento com os valores morais e sexuais há muito estabelecidos.

Braga (2008, p.150) indica que enquanto houver deboches, expressões vulgares, preconceito e discriminação sobre o tema, a escola deve promover projetos adequados sobre a educação sexual,

[...] visando a diversos aspectos, entre os quais: reflexão sobre a educação sexual atualmente existente, considerando cada pessoa em sua singularidade e inserção cultural; fornecimento de informações e organização de espaços para reflexões e questionamentos sobre sexualidade; esclarecimento sobre os mecanismos sociais de repressão sexual a que estamos condicionados; ajuda às pessoas, para que possam obter uma visão mais positiva da sexualidade; ênfase ao aspecto social e cultural, a partir do coletivo, sem perder de vista o indivíduo, mas não tendo caráter de aconselhamento psicoterápico individual, isolado de um contexto histórico.

A escola deve transmitir o conhecimento científico, sem ser um espaço de repressão quando falar sobre sexualidade. Nesse sentido, Louro (2010) afirma que a escola é um local privilegiado do conhecimento e mesmo assim vem tentando adiar ao máximo falar sobre a educação sexual, se tornando um local que ignora as questões que surgem no espaço escolar, proibindo que a educação sexual se efetive.

Na escola, pela afirmação ou pelo silenciamento, nos espaços reconhecidos e públicos ou nos cantos escondidos e privados, é exercida uma pedagogia da sexualidade, legitimando determinadas identidades e práticas sexuais, reprimindo e marginalizando outras (LOURO, 2010, p. 30-31).

Não há como não falar sobre a educação sexual e gênero, desde o nosso nascimento ela está presente em nossas vidas, classificando o que somos e que podemos fazer, determinando comportamentos e atitudes. Braga esclarece que o termo gênero surge para marcar diferenças entre homens e mulheres, atributos conferidos ao masculino e feminino pela cultura: “sexo é atributo biológico, enquanto gênero é uma construção social e histórica” (BRAGA, 2012, p. 210).

O sexo como qualidade biológica já está mais esclarecido, cada um sabe a qual sexo corresponde, lembrando que podemos encontrar mais de uma identidade sexual sendo, heterossexual, bissexual, homossexual entre outros. O tema gênero traz discussões, pois, vai depender da organização social, cultural e histórica de cada país, trazendo preconceitos ou não em relação às questões de gênero e sexualidade.

Sendo assim, Figueiró (2006) defende a educação sexual emancipatória, na qual o sujeito tenha consciência de ser um participante ativo no processo de construção humana do conhecimento pessoal, social e sobre a sexualidade.

Sexualidade é uma dimensão ontológica essencialmente humana, cujas significações e vivências são determinadas pela natureza, pela subjetividade de cada ser humano e, sobretudo, pela cultura, num processo histórico e dialético. A sexualidade não pode, pois, ser restringida a sua dimensão biológica, nem a noção de genitalidade, ou de instinto, ou mesmo de libido. Também não pode ser percebida como uma “parte” do corpo. Ela é, pelo contrario, uma energia vital de subjetividade e da cultura, que deve ser compreendida, em sua totalidade e globalidade, como uma construção social que é condicionada pelos diferentes momentos históricos, econômicos, políticos e sociais (FIGUEIRÓ, 2006, p. 42).

Conseqüentemente, podemos reconhecer a importância de se falar sobre educação sexual e gênero dentro do espaço escolar e afirmar que os profissionais da

educação necessitam de cursos de extensão, palestras e qualquer outro tipo de formação ou informação para trabalharem com o tema, pois, ao dialogar sobre sexualidade na educação infantil e séries iniciais, permitem aos alunos obter, na escola, informações a respeito das questões que se referem ao seu momento de desenvolvimento e às questões que o ambiente coloca.

No decorrer deste trabalho vamos pesquisar e analisar um grupo de pessoas que participaram do curso de extensão “Gênero e Sexualidade no Espaço Educativo: Oficinas de Capacitação para Profissionais da Educação Infantil e Ensino Fundamental”, que ocorreu na Universidade Estadual de Maringá. Este curso foi coordenado pela professora e doutora Eliane Rose Maio que também coordena, ao lado da professora e mestre Crishna Mirella de Andrade Correa, o NUDISEX (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Diversidade Sexual), núcleo composto por educadores, acadêmicos e professores de diversas áreas do conhecimento, interessados em discutir questões relacionadas à sexualidade, na perspectiva interdisciplinar.

O NUDISEX tem o objetivo de estudar e refletir sobre questões relacionadas à sexualidade a partir do ponto de vista de diversas áreas de conhecimento, considerando especificamente os aspectos da diversidade sexual, dos direitos da sexualidade e a discussão desses temas dentro das escolas.

Dessa forma, faremos uma breve exposição do programa de atividades realizadas no curso de extensão “Gênero e Sexualidade no Espaço Educativo: Oficinas de Capacitação para Profissionais da Educação Infantil e Ensino Fundamental” e quem ministrou as respectivas atividades.

Apresentação do curso e dinâmicas de grupo para levantamentos de expectativas.

Ministrantes: Prof^a. Dr^a. Eliane Rose Maio

Prof^a. Ms. Crishna Mirella de Andrade Correa

História da Sexualidade

Ministrante: Prof ^a . Dr ^a . Eliane Rose Maio
Feminilidades: conceitos Ministrante: Prof ^a . Dr ^a . Patrícia Lessa
Sexualidade: aspectos biológicos Ministrante: Prof ^a . Ms. Fabiana de Carvalho
Sexualidade e gênero no espaço educativo Ministrante: Prof. Reginaldo Peixoto Prof. Márcio de Oliveira
Direito e Sexualidade Ministrante: Prof ^a . Ms. Crishna Mirella de Andrade Correa
Abuso sexual e implicações pedagógicas Ministrante: Prof ^a . Ariane Camila Tagliacolo Miranda Prof ^a . Edyane Silva de Lima
Diversidade Sexual Ministrantes: Prof ^a . Dr ^a . Eliane Rose Maio Prof. Isaias de Oliveira Júnior

Tabela 1: Atividades realizadas e professores

Durante as oficinas, foram realizadas discussões sobre diversos assuntos que vão englobar a formação de um profissional capacitado para falar sobre a sexualidade e gênero no espaço escolar. Por meio de textos, documentos, filmes e dinâmicas de grupo, buscamos pensar em como reagimos diante de questionamentos realizados

pelos alunos e como agimos ao presenciar cenas que fazem diferenciação de gênero, assim podendo refletir nossa prática educativa.

O referido curso de extensão objetivou, assim, capacitar profissionais da educação para que desenvolvam, dentro das escolas, um trabalho sobre a educação sexual consciente e sem preconceitos, falando sobre corpo e sexualidade sem receios, como falamos de qualquer outra parte do nosso corpo, assunto que trataremos na próxima seção.

2 CORPO E SEXUALIDADE

As ideias de Foucault (1987) repercutiram na educação contemporânea por demonstrarem como as questões disciplinares vêm sendo tratadas e discutidas. Segundo o autor, o conceito que definiria a modernidade seria o de disciplina, sendo esta um instrumento de dominação e controle presente em instituições como a da família, hospitais, prisões, escolas, conventos, quartéis e as fábricas. Dessa forma, a disciplina implica em obediência e utilidade sobre o corpo, estando isso relacionado à clausura, organização dos indivíduos em lugares próprios, distribuídos em filas, em posições hierarquizadas segundo suas habilidades e rapidez, como forma de organizar e vigiar os indivíduos.

Assim, um dos interesses ou “objetivos” da escola é disciplinar os corpos, regulamentar as populações, sendo a sexualidade “negócio de Estado” por ser um tema que leva a população a pensar sobre doenças sexualmente transmissíveis, natalidade e a conduta sexual do outro. Desse modo, a escola é uma instituição que vai instalar conceitos do que é permitido ou não em relação à sexualidade (ALTMANN, 2001). Nesse caso, a sexualidade é vista como algo público, submetido a mecanismos de condutas e controles sociais repassados pelas escolas, as quais orientam os alunos do que é proibido ou não, assim, a sexualidade deixa de ser pública para ser privada.

Para Goellner (2011), pensar sobre corpo nos traz lembranças de ossos, músculos, vísceras, gestos e expressões, doenças e prazer. Podemos olhar para o nosso corpo e enxergá-lo biologicamente, mas ele também é uma construção cultural sobre diferentes marcas, tempos e espaços sociais.

As aparências dos nossos corpos trazem significados diferentes ao longo da história, e a partir deles somos classificados e nomeados. A definição dos significados

vai depender dos grupos sociais e do contexto cultural de cada povo, a partir dos seus adornos, comportamentos e gestos. Louro (2003, p.13) apresenta que,

a aparência é, pois algo que se apresenta ou que se representa [...] Muitos são os significados atribuídos ao formato dos olhos ou da boca; a cor da pele; a presença da vagina ou do pênis; ao tamanho das mãos e a redondeza das ancas.

Louro (2003) afirma ainda que a sexualidade dos corpos e dos gêneros tem sido compreendida, explicada e regulada por diversas instituições como a Igreja, a escola e a ciência, as quais determinam o que é ou não permitido fazer com nosso corpo.

Para Goellner (2011), gênero é uma construção social, na qual identificamos o masculino e o feminino, considerando os traços corporais. Como também há outros tipos de gêneros. Isso comumente indica até o tipo de roupa usada por este corpo e como ele se comporta, pois mulheres são vistas como delicadas, com cabelos compridos, saias e brincos, enquanto os meninos seriam agitados, usando camisetas e cabelos curtos. Até mesmo as brincadeiras são separadas, pois, se um menino quiser brincar de boneca, provavelmente será criticado, bem como as meninas que quiserem jogar bola serão repreendidas, pois é desse modo que nossa cultura classifica masculinidade e feminilidade nos sujeitos. Já o termo sexo é utilizado para identificar características físicas e biológicas, diferenciando homens e mulheres.

Nesse sentido, Louro (2003) comenta que, ao procurar um sujeito, referimo-nos a determinadas características de seu corpo, utilizando da aparência como marca de diferenciação e atribuindo significados dependendo desta aparência, definindo e identificando quem é o sujeito por seu corpo e seu comportamento.

Essa atribuição de significados a partir da aparência também se relaciona ao conceito de disciplina trabalhado por Foucault (1987), que o aponta como forma de dominação com o objetivo de fabricar corpos dóceis, submissos e obedientes, resultando em uma manipulação acerca do trabalho sobre o corpo e seus comportamentos, em relação aos quais a sociedade e a cultura farão determinações de certo e errado.

Conforme Braga (2008), foi a partir da década de 80, que escolas religiosas passaram a se preocupar com questões da sexualidade, em decorrência do aumento de adolescentes grávidas e do surgimento da AIDS. Em 1996, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) coordenou a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1997) incluindo o tema transversal Orientação Sexual e, depois, em 1998, Ministério da Educação e Cultura (MEC) elaborou o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) (BRASIL, 1998). Assim, podemos perceber que esse tema ganha importância dentro da escola, o que faz com que os profissionais da educação necessitem estar atualizados para suscitar discussões no âmbito escolar.

.

3 UMA ANÁLISE DOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS E REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

Neste tópico, exploramos alguns conceitos sobre corpo e sexualidade nos quais podemos encontrar subsídios teóricos que norteiem os professores ao trabalhar com o tema transversal Orientação Sexual nos PCN (BRASIL, 1997), objetivando gerar reflexões entre pais, professores, alunos e equipe pedagógica para um melhor desenvolvimento das discussões dos alunos.

A partir dos PCN (BRASIL, 1997), podemos perceber a importância de se introduzir assuntos sobre a educação sexual nas escolas, uma vez que a sexualidade é vivenciada diariamente pelos alunos, na convivência familiar ou social, gerando inquietações para descobrir mais sobre o desenvolvimento do próprio corpo e assuntos sobre sua sexualidade, gravidez, aborto, doenças sexualmente transmissíveis, entre outras perguntas que surgem no decorrer das aulas sobre o assunto. Dialogar sobre sexualidade nas séries iniciais permite ao aluno obter na escola informações a respeito das questões que se referem ao seu momento de desenvolvimento e das questões que o ambiente coloca.

Desde a década de 20 há registros de estudos e discussões sobre a sexualidade. Na década de 70, propôs-se uma formação global do indivíduo, com o papel de fazer com que os profissionais da educação façam os alunos refletirem e conhecerem mais sobre o seu corpo, a saúde do seu corpo e sua sexualidade, a qual é presente desde o dia do nascimento (BRASIL, 1997).

Alguns professores não aceitam falar sobre sexualidade, reproduzindo culturalmente a educação que lhes foi transmitida em períodos quando este tema era apenas de responsabilidade da família.

As formulações conceituais sobre sexualidade infantil datam do começo deste século e ainda hoje não são conhecidas ou aceitas por parte dos profissionais que se ocupam de crianças, inclusive educadores. Para alguns, as crianças são seres “puros” e “inocentes” que não têm sexualidade a expressar, e as manifestações da sexualidade infantil possuem a conotação de algo feio, sujo, pecaminoso, cuja existência se deve à má influência de adultos. Entre outros educadores, no entanto, já se encontram bastante difundidas as noções da existência e da importância da sexualidade para o desenvolvimento de crianças e jovens (BRASIL, 1997, p. 118.).

Encontramos nos PCN (BRASIL, 1997) a indicação de que a sexualidade é construída ao longo de nossas vidas e vai se modificando no decorrer do tempo, marcada pela história, cultura, ciência, afetos e sentimentos, expressando a individualidade de cada sujeito e levando em consideração aspectos biológicos, psíquicos e socioculturais. Num primeiro momento, essa educação é realizada pelos pais, mas, posteriormente, também os professores vão auxiliar o aluno a refletir de forma sistematizada sobre a educação sexual e seus preconceitos, sem expor o que é correto ou errado nas discussões, com o intuito de apenas fazer o aluno refletir. Assim, o educador deve ter postura profissional e consciente do tema abordado.

No subtítulo “Postura do Educador” dos PCN (BRASIL, 1997), há um indicativo de como o professor deve se preparar para as suas aulas, sendo um condutor da reflexão do aluno, agindo de maneira ética, seguindo os conteúdos científicos, para que haja confiança na relação professor-aluno, possibilitando autonomia aos alunos para que cheguem a uma conclusão em relação aos seus próprios valores e opiniões. O professor deve promover discussões dentro da sala de aula respeitando a opinião de cada aluno e fazendo com que os demais colegas também respeitem as diversas opiniões.

A orientação sexual como tema transversal vem contextualizar discussões sociais e culturais dentro das relações de gênero, gravidez na adolescência, abuso sexual, prostituição infantil e doenças sexualmente transmissíveis, para que haja transformação de comportamentos e valores dentro da sociedade.

A presente proposta de educação sexual caracteriza-se por trabalhar o esclarecimento e a problematização de questões que favoreçam a reflexões e a ressignificação das informações, emoções e valores recebidos e vividos no decorrer da história de cada um, que tantas vezes prejudicam o desenvolvimento de suas potencialidades. Ressalta-se a importância de se abordar a sexualidade da criança e do adolescente não somente no que tange aos aspectos biológicos, mas também e principalmente aos aspectos sociais, culturais políticos, econômicos e psíquicos dessa sexualidade (BRASIL, 1997, p.127-128).

Ao se falar sobre educação sexual, logo se pensa nos preconceitos, crenças e valores que a sociedade embuti nos indivíduos, que muitas vezes não têm esclarecimento sobre o assunto por ter medo ou vergonha de falar a respeito. Por esse motivo, os PCN de Orientação Sexual (BRASIL, 1997), como um tema transversal, vêm propor com que este diálogo e reflexão sejam possíveis no ambiente escolar e desenvolvidos por diversas áreas do conhecimento, enriquecidos pela prática educativa da proposta de trabalho de cada disciplina. Segundo os objetivos gerais contidos no PCN de Orientação Sexual para o ensino fundamental, este tema deve contribuir para que os alunos, ao final desse ciclo, possam ser capazes de:

- respeitar a diversidade de valores, crenças e comportamentos existentes e relativos à sexualidade, desde que seja garantida a dignidade do ser humano;
- compreender a busca de prazer como uma dimensão saudável da sexualidade humana;
- conhecer seu corpo, valorizar e cuidar de sua saúde como condição necessária para usufruir de prazer sexual;
- reconhecer como determinações culturais as características socialmente atribuídas ao masculino e ao feminino, posicionando-se contra discriminações a eles associadas;
- identificar e expressar seus sentimentos e desejos, respeitando os sentimentos e desejos do outro;
- proteger-se de relacionamentos sexuais coercitivos ou exploradores;
- reconhecer o consentimento mútuo como necessário para usufruir de prazer numa relação a dois;

- agir de modo solidário em relação aos portadores do HIV e de modo propositivo na implementação de políticas públicas voltadas para prevenção e tratamento das doenças sexualmente transmissíveis/AIDS;
- conhecer e adotar práticas de sexo protegido, ao iniciar relacionamento sexual.
- evitar contrair ou transmitir doenças sexualmente transmissíveis, inclusive o vírus da AIDS;
- desenvolver consciência crítica e tomar decisões responsáveis a respeito de sua sexualidade;
- procurar educação para a adoção de métodos contraceptivos (BRASIL, 1997, p.133).

Citamos todos os itens dos objetivos gerais por acreditar que são de extrema importância para o conhecimento do professor, sendo possibilitadores da reflexão por parte dos alunos sobre assuntos relacionados à sua sexualidade e à do outro, respeitando as diferenças e desenvolvendo o respeito. Espera-se que todos estes objetivos possam realmente ser atingidos, sanando dúvidas existentes neste período da vida.

Os alunos comumente trazem questões relacionadas à sexualidade, buscando saber, por exemplo, o que é relacionamento sexual e como ele acontece; sobre as transformações do corpo durante a puberdade; como ocorre a gravidez, parto e o aborto, etc. Além disso, cada criança apresenta vivências diversas sobre sua sexualidade. Assim, os PCN (BRASIL, 1997) selecionaram conteúdos seguindo os seguintes critérios:

- relevância sociocultural, isto é, conteúdos que correspondam às questões apresentadas pela sociedade no momento atual;
- consideração às dimensões biológica, psíquica e sociocultural da sexualidade, buscando contemplar uma visão ampla e não- reducionista das questões que envolvem a sexualidade e o seu desenvolvimento no âmbito pessoal;
- possibilidade de conceber a sexualidade de forma saudável, prazerosa e responsável (BRASIL, 1997, p. 137-138).

É importante esclarecer que os PCN (BRASIL, 1997) se dividem em três blocos de conteúdos, sendo “Corpo: Matriz da sexualidade”; “Relações de gênero” e “Prevenção às doenças sexualmente transmissíveis/ AIDS”.

Em “Corpo: Matriz da Sexualidade”, é possível encontrar algumas sugestões de conteúdos a serem trabalhados partindo das transformações do corpo do homem e da mulher nas diferentes fases da vida. Isso inclui a visão do corpo integrado de emoções, sentimentos e sensações ligadas ao bem-estar e ao prazer do autocuidado; como ocorre a concepção, gravidez, parto e a utilização de métodos contraceptivos; como ocorrem as mudanças do corpo na puberdade e quando se iniciam; amadurecimento dos órgãos sexuais reprodutivos; saber respeitar ao próprio corpo e ao corpo de outrem; o respeito aos colegas que apresentam desenvolvimento físico e emocional diferentes; etc.

O conteúdo “Relações de Gênero” explica a diversidade de comportamento de homens e mulheres em relação à época e local onde vivem; as concepções tradicionalmente associadas ao que seguir no masculino e feminino; e a ênfase no respeito pelo outro sexo, respeitando às muitas e varias expressões de gênero.

No bloco de “Prevenção às Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS”, encontramos os conteúdos para compreensão das formas de prevenção e como ocorre a transmissão da AIDS, comparando as formas de contato que levam ao contágio e as que não envolvem riscos; informações sobre a AIDS, por meio de folhetos ilustrados, textos e artigos de jornais e revistas; procedimentos em situações de acidente ou ferimentos que possibilitem o contato sanguíneo; estímulo ao respeito e a solidariedade na relação com pessoas portadoras da AIDS.

O trabalho realizado pela escola, denominado de Educação Sexual, constitui um processo formal e sistematizado que acontece dentro da instituição escolar e em diversas áreas, exigindo planejamentos e propostas de intervenções por parte dos professores, que podem se apoiar nos PCN (BRASIL, 1997) para elaborarem suas aulas como citamos acima.

Para Ribeiro (1990 *apud* BRAGA, 2008), a educação sexual engloba desde processos culturais, que vão direcionar o indivíduo a comportamentos e atitudes em relação à sexualidade a partir da família, escola, amigos e meios de comunicação, determinando valores de cada época. A educação sexual deve ser uma intervenção institucionalizada, sistematizada com organização por parte de profissionais treinados para esta atividade. Braga (2008) esclarece que a terminologia da orientação sexual também se refere a diferentes desejos sexuais como a heterossexualidade, homossexualidade e bissexualidade. No presente trabalho, vamos seguir a terminologia de Educação Sexual como foi citado acima por se tratar de um conteúdo sistematizado que deve ser repassado aos alunos.

Existe uma discussão entre autores no que se refere a utilizar termos em seus trabalhos, Figueiró (2006, p. 48) acredita que Educação Sexual seria o melhor termo a se utilizar, pois,

[...] segundo meu ponto de vista, a expressão “educação sexual” é mais apropriada porque é coerente com a concepção do método de educação, no qual o educando participa do processo de ensino e aprendizagem como sujeito ativo e não como mero receptor de conhecimentos, informações e/ou orientações.

O termo Educação Sexual se torna mais atual, com discussões abertas dentro das escolas, fazendo com que os alunos participem dessas conversas de forma mais participativa, mostrando que o conteúdo vai além do senso comum, utilizando a ciência para comprovar as afirmações sobre o tema e, assim, diminuir preconceitos.

Acreditamos que o mais importante seja quebrar barreiras ao se falar sobre esse tema, o diálogo sobre a educação sexual em casa ou na escola deve estar presente na vida de qualquer pessoa desde sua infância. Para Foucault (2009, p.37), os controles sociais que “filtram a sexualidades dos casais, dos pais e dos filhos, dos

adolescentes perigosos e em perigo” produzem discursos que tornam este tema perigoso ao se falar dele, a discussão sobre sexo fica restrita ao local e a quem fala sobre ele.

Para desenvolver esse diálogo no âmbito escolar, além dos PCN, os profissionais da Educação Infantil ainda contam com o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI) (BRASIL, 1998), que oferece suporte na primeira etapa da educação básica, na busca de integrar atividades educativas com o cuidado e as brincadeiras. Em seu segundo volume, traz um capítulo que aborda a “Expressão da Sexualidade”, no qual mostra a importância da sexualidade para o desenvolvimento da criança, uma vez que o prazer é necessidade fundamental do ser humano e a cultura, presente desde o nascimento até outras fases, vai contribuir para o desenvolvimento da sexualidade infantil. No 1º capítulo desse material, há um trabalho sobre as fases das sensações, que fazem com que as crianças tenham prazer com atividades que vão desde o sugar o leite materno e o controle esfinteriano à manipulação e exploração do próprio corpo. Esse material serve para que o professor possa ter

[...] a compreensão da sexualidade como um processo amplo, cultural e inerente ao desenvolvimento das crianças [, o que] pode auxiliar o professor diante das ações exploratórias das crianças ou das perguntas que fazem a respeito ao tema (BRASIL, 1998, p.19).

Muitas vezes, o professor sem preparo ou conhecimento para lidar com situações do desenvolvimento da sexualidade nas crianças, sente-se perdido ao ser questionado a respeito desse tema. As questões de gênero também são presentes nessa fase da vida, pois se começa a separar o que são coisas “de menino” das “de menina”, além da separação de papéis de homem ou mulher, apreendidos na vivência das crianças com adultos.

O RCNEI (BRASIL, 1998, p. 41) também apresenta um capítulo sobre o “Respeito à Diversidade”, no qual se explicita que as crianças devem ter respeito pelas diferenças e particularidades dos outros, “[...] diferenças de temperamento, de habilidades e de conhecimentos, até as diferenças de gênero, etnia e de credo religioso”, de modo que devemos ensinar o respeito nas relações cotidianas. Também o capítulo sobre a “Identidade de Gênero” ressalta que não se deve estereotipar o que um homem ou uma mulher podem fazer, enfatizando o convite das famílias para a escola na construção das identidades destas crianças.

Assim colocado, podemos perceber que os profissionais da educação possuem alguns materiais de apoio e pesquisa para desenvolverem seu trabalho. As instituições infantis, contam com o RCNEI (BRASIL, 1998), e instituições de ensino fundamental e médio, os professores podem recorrer ao PCN (BRASIL, 1997) para subsidiar seu trabalho educativo e planejamentos. Dessa forma, seguiremos nosso trabalho descrevendo os procedimentos realizados para pesquisa de campo realizada nas oficinas de capacitação.

4 PROCEDIMENTOS PARA A PESQUISA

A partir de autores como Braga (2008), Bonfim (2010), Figueiró (2006), Foucault (1987, 2009) e Louro (2010), entre outros, conhecemos um pouco mais sobre o tema sexualidade, gênero e educação sexual no contexto escolar, e como ocorre a formação de profissionais da educação.

Aplicamos dois questionários aos participantes do curso de extensão “Gênero e Sexualidade no espaço educativo: Oficinas de Capacitação para Profissionais da Educação Infantil e Ensino Fundamental”, realizado com professores do município de Maringá, em oito encontros de quatro horas, a cada quinze dias, às terças feiras no período da manhã, contabilizando para os profissionais da educação participantes uma carga horária de quarenta horas, no período de 20/03/2012 a 12/06/2012, na Universidade Estadual de Maringá. Esse evento foi um curso de extensão promovido pela professora Dra. Eliane Rose Maio, em conjunto com a Secretaria Municipal de Educação de Maringá, tendo a adesão de 50 profissionais da educação.

Optamos em utilizar questionários entre os participantes, sendo um questionário para o início das oficinas, com a intenção de saber a formação deste profissional, o que ele esperava encontrar nas Oficinas de Capacitação, que motivo o levou a procurar as oficinas, como vê cursos ou oficinas que trabalham com a formação de educadores para trabalhar com o tema educação sexual, com quais cenas relacionadas a gênero e sexualidade já se depararam em sua atuação profissional.

A segunda parte do questionário foi aplicada no último encontro da Oficina de Capacitação, questionando como são trabalhados os conteúdos abordados nestas oficinas em sala de aula, se diretamente ou indiretamente e de que maneira; quais as dificuldades encontradas para se trabalhar com o tema da educação sexual; quais oficinas mais contribuíram para sua formação e o que foi mais marcante.

Nossa pesquisa contou com a autorização do COPEP (Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos) para realização dos questionários, sob o nº 03482612.0.0000.0104, e também recebemos a carta de anuência (APENDICE 1) da Diretora de Ensino da Secretaria Municipal de Educação de Maringá, e da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE 2), pelos sujeitos da pesquisa, os questionários (APÊNDICE 3 E 4) foram aplicados no mesmo espaço em que se realizaram as Oficinas de Capacitação, durante a sua realização.

5 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS

O curso de extensão “Gênero e Sexualidade no espaço educativo: oficinas de capacitação para profissionais da Educação Infantil, Ensino Fundamental” contou com cinquenta e sete inscritos, sendo a maioria mulheres e apenas um homem. No primeiro questionário (APÊNDICE 3), contamos com a colaboração de vinte e quatro participantes e, no segundo (APÊNDICE 4), onze.

Na primeira parte do questionário, abordamos os dados gerais dos entrevistados, que são: idade, formação acadêmica e atuação profissional, sendo que alguns participantes não declararam seus dados pessoais, conforme segue a tabela abaixo:

Tabela 2: nome; formação; idade; atuação profissional.

NOME	FORMAÇÃO	IDADE	ATUAÇÃO PROFISSIONAL
U.M.O	Pedagogia	54 anos	Orientadora educacional
M.C.P	Pedagogia	35 anos	Não declarou
F.D.P	Pedagogia	49 anos	Orientadora educacional
P.R.L.B	Pedagogia	29 anos	Orientadora educacional
M.I.F	Pedagogia	44 anos	Não declarou
V.C.S	Pedagogia	37 anos	Orientadora educacional
L.V	Pedagogia	39 anos	Orientadora educacional
Não declarou	Pedagogia	38 anos	Orientadora educacional
Não declarou	Pedagogia	34 anos	Orientadora educacional
S.A.B.B	Pedagogia	47 anos	Orientadora educacional
R.L.F	Letras e Pedagogia	42 anos	Orientadora educacional
M.C.A.C	Pedagogia	51 anos	Orientadora educacional

E.M.F.M	Pedagogia	Não declarou	Orientadora educacional
C.P.B	Letras	44 anos	Orientadora educacional
S.C.L	Pedagogia	39 anos	Assessora pedagógica
R.C.S	História	32 anos	Orientadora educacional
T.F.M.S	Pedagogia	48 anos	Professora
C.S.O	Pedagogia	34 anos	Coordenadora pedagógica
R.N.P	Pedagogia	41 anos	Coordenadora pedagógica
F.A.Q	Pedagogia	29 anos	Coordenadora pedagógica
M.M.L	Pedagogia	41 anos	Coordenadora pedagógica
C.A.O	Pedagogia	36 anos	Coordenadora pedagógica
J.B.B	Publicidade	29 anos	Assessora política
Não declarou	Não declarou	Não declarou	Não declarou

Nessa tabela, podemos verificar que o último participante não se identificou em nenhuma das categorias elencadas, bem como dois deles também não colocaram as iniciais dos seus nomes e dois não colocaram sua atuação profissional. Há de se considerar as temáticas a que se referem às Oficinas de Capacitação: gênero, sexualidade e diversidade sexual e, talvez, esses participantes tivessem receio de serem identificados.

Para expor melhor as classificações de idade, formação profissional e atuação profissional, também vamos utilizar gráficos.

Tabela 3: Idade dos participantes

IDADES	NÚMERO DE PESSOAS
29	3
32	1
34	2
35	1
36	1
37	1
38	1
39	2
41	2
42	1
44	2
47	1
48	1
49	1
51	1
54	1

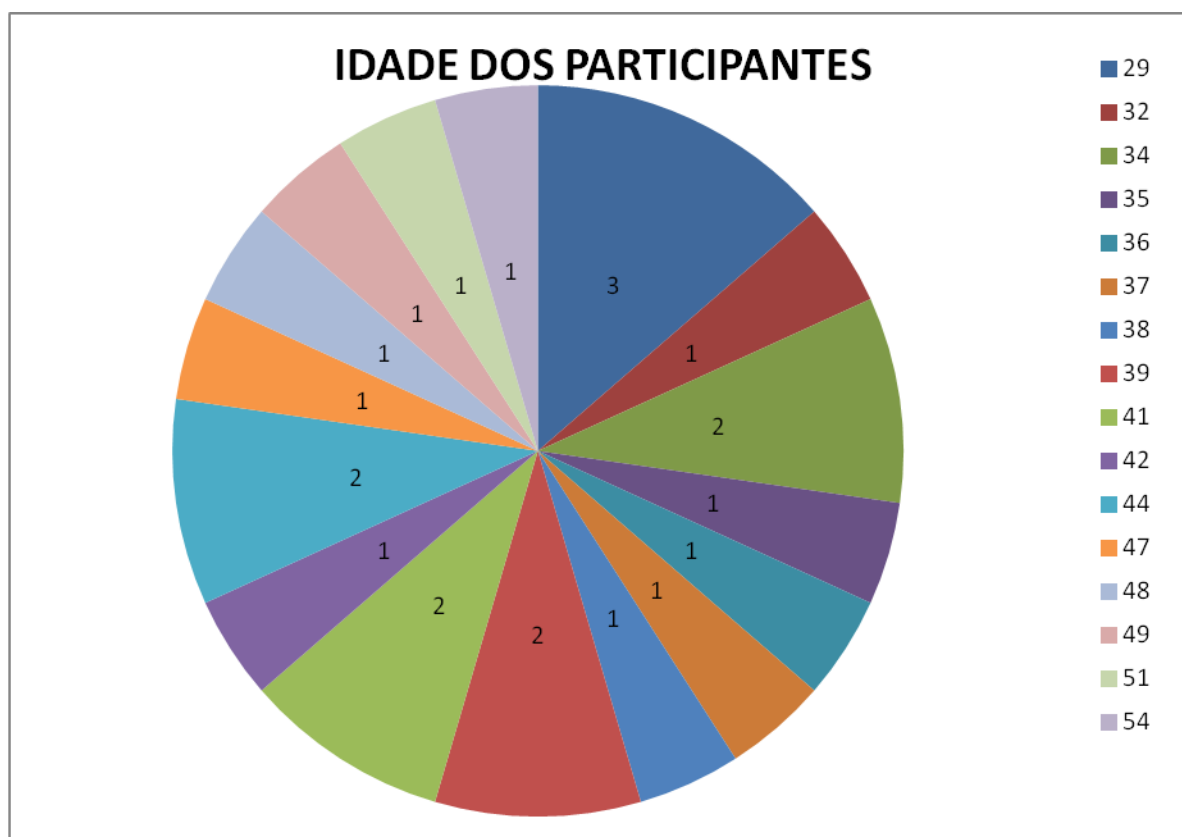


Figura 1: Gráfico da idade dos participantes das Oficinas de Capacitação para Profissionais da Educação Infantil e Ensino Fundamental.

Como podemos analisar no gráfico de idades dos participantes, temos um grupo consideravelmente jovem, verificamos que esses profissionais buscam se atualizar com cursos de extensão para aperfeiçoar seu trabalho.

Tabela 4: Formação profissional

FORMAÇÃO PROFISSIONAL	NÚMERO DE PESSOAS
Pedagogia	19
História	1
Letras	2
Não respondeu	1
Publicidade	1

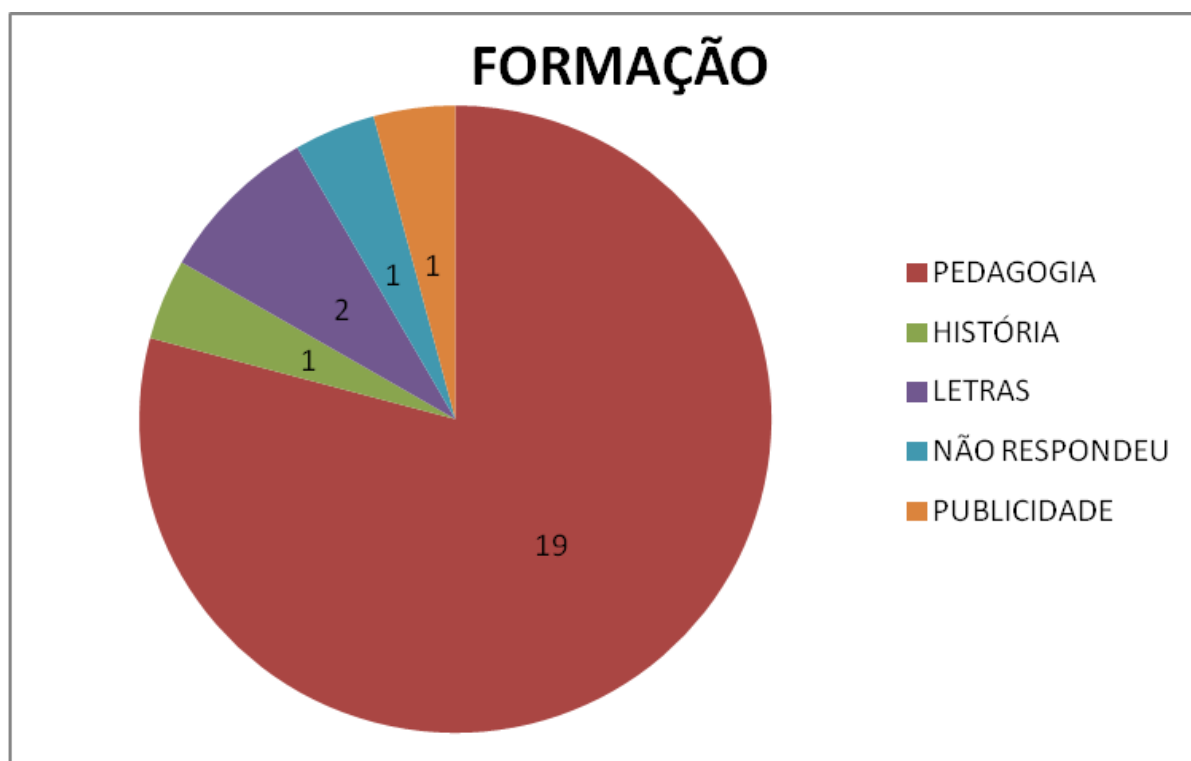


Figura 2: Gráfico da formação dos participantes das Oficinas de Capacitação para Profissionais da Educação Infantil e Ensino Fundamental.

No Figura 2, verificamos a formação desses profissionais, e encontramos três cursos de licenciaturas: Pedagogia, História e Letras, sendo que uma participante não respondeu sua formação e outra é publicitária. Identificamos, assim, que a Pedagogia é o curso que teve mais representantes, devido ao próprio conteúdo oferecido pelo curso.

Tabela 5: Atuação profissional

ATUAÇÃO PROFISSIONAL	NÚMERO DE PESSOAS
Coordenadora pedagógica	5
Orientadora educacional	14
Não respondeu	2
Assessora política	1
Assessora pedagógica	1
Professor	1

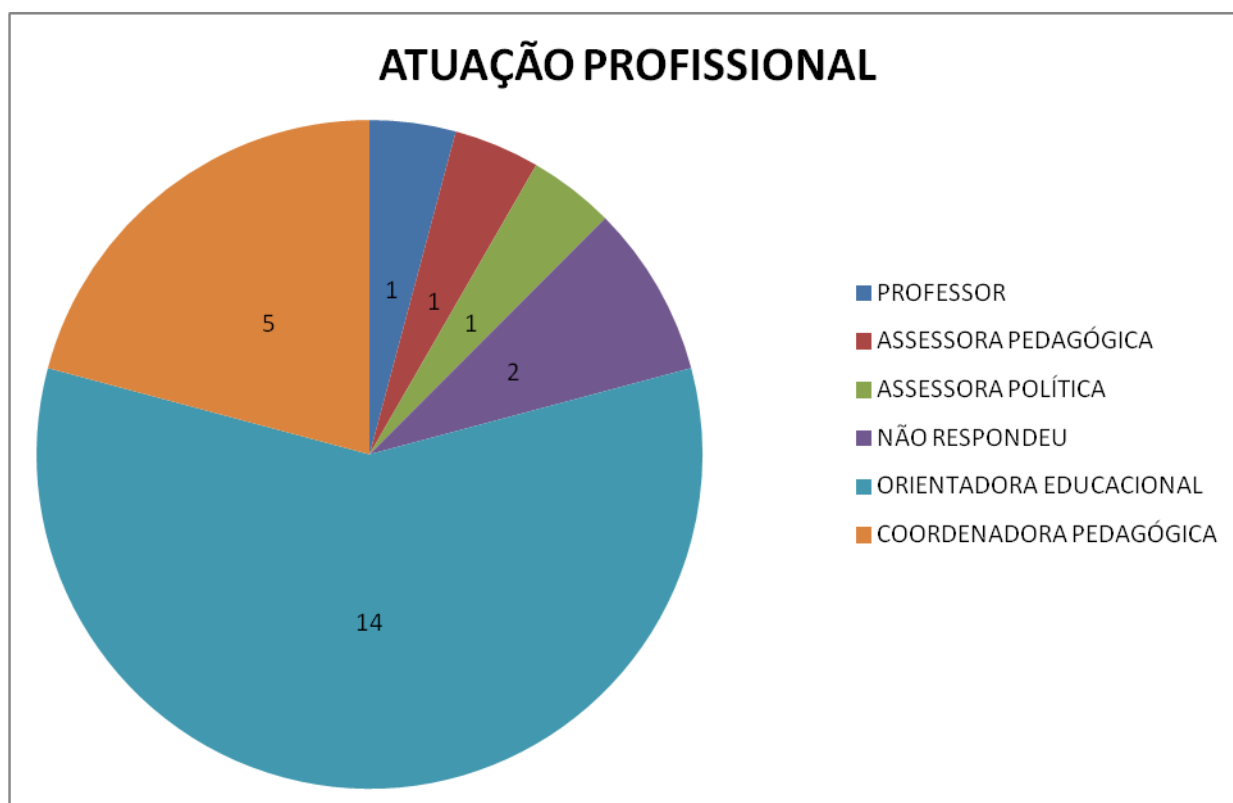


Figura 3: Gráfico da formação dos participantes das Oficinas de Capacitação para Profissionais da Educação Infantil e Ensino Fundamental.

Em relação à atuação profissional, as profissões declaradas foram: professor, assessora pedagógica, assessora política, orientadora educacional e coordenadora pedagógica, sendo que dois participantes não responderam suas atuações. Isso mostra que, aparentemente, são as orientadoras educacionais com formação em Pedagogia as que mais se interessaram em fazer essas oficinas, possibilitando assim o repasse das informações dos cursos aos profissionais que atuam nas escolas onde trabalham.

As outras questões abordadas no primeiro questionário pretendiam analisar o motivo que levou esses profissionais da educação a procurarem as oficinas; saber o que eles esperam encontrar nos encontros; opiniões sobre cursos com este tema e quais são suas experiências sobre gênero e sexualidade na atuação profissional.

Como são quatro questões abertas, serão subdivididas em categorias, assim vamos expor alguns relatos.

1) Entre os motivos para participar das oficinas, encontramos respostas bem variadas, que dizem respeito a diversos assuntos, tais como: a) adquirir mais conhecimentos sobre a temática; b) prevenção da violência sexual; c) motivos pessoais.

a) Adquirir mais conhecimentos sobre a temática:

“Adquirir mais conhecimento sobre o assunto para ajudar os professores a trabalharem com as crianças sobre sexualidade” (U.M.O. 54 anos)

“O motivo foi que sendo educadora e trabalhar com crianças entre cinco e dez anos o tema sexualidade não é abordado como deveria ser e eu também não tenho conhecimento metodológico para trabalha-lo com esta faixa etária” (E.M.F.M. não declarou)

“Conhecer sobre o tema para melhorar a atuação profissional na educação de crianças, família e educadores” (C.S.O. 34 anos)

“Me interessei pelo tema pois não aprendi sobre ele na graduação e espero agora poder sanar dúvidas e assim ajudar melhor no meu trabalho.” (C.A.O. 36 anos)

“Aumentar o conhecimento sobre a educação sexual. Pretendo cursar mestrado sobre esta temática.” (J.B.B. 29 anos)

“Necessidade de conhecimento teórico” (V.C.S. 37 anos)

“Informações para atuação na função” (L.V. 39 anos)

b) Prevenção da violência sexual:

“Interesse em aprender a trabalhar sobre sexualidade com os alunos que atendo. Grande urgência em se prevenir a violência sexual” (R.C.S. 32 anos)

c) Motivos pessoais:

“A minha grande preocupação era como abordar o assunto da sexualidade na educação infantil” (P.R.L.B. 29 anos)

“Para ter mais subsídios para lidar e orientar crianças e jovens sobre a questão da sexualidade no meu trabalho, como também para ajudar na educação sexual da minha filha, que tem apenas seis anos de idade e está cheia de perguntas” (M.I.F. 44 anos)

“O assunto é interessante e considero importante me manter atualizada” (F.D.P. 49 anos)

As falas acima mostram que todos os participantes estão interessados em buscar mais conhecimentos sobre a temática da educação sexual a fim de melhorar o seu trabalho e até mesmo nas relações pessoais. Também encontramos uma participante que pretende conhecer o tema para prevenir a violência sexual com os conhecimentos adquiridos nas oficinas.

Os PCN (BRASIL, 1997. p. 123) de Orientação Sexual, em seu título *Postura do Educador*, nos subsidia ao afirmar que os professores “devem então entrar em contato com questões teóricas, leitura e discussões sobre as temáticas específicas de sexualidade e suas diferentes abordagens”, mantendo-se atualizados. Os PCN (BRASIL, 1997) também propõem que este professor participe de grupos nos quais possa trocar experiências e reflexões sobre o trabalho de educação sexual, sexualidade e gênero.

2) Quanto às expectativas em relação ao curso, encontramos entre as respostas:
a) adquirir mais conhecimento sobre a temática; b) desmistificar preconceitos.

a) Adquirir mais conhecimentos sobre a temática:

“Conhecimento, estudo e reflexão sobre o tema” (E.M.F.M. não declarou)

“Encontrar subsídios (teóricos/dinâmicos) atuais e aprofundar com o que já adquirido a fim de adaptá-los a situação específica da escola” (M.C.A.C. 51 anos)

“Educação sobre como conversar com alunos e pais quando surgem dificuldades nas questões sobre sexualidade que surgem no espaço escolar. Também como elaborar projetos para prevenir problemas relacionados à sexualidade, como violência.” (R.C.S. 32 anos)

“Espero encontrar conceitos, ideias e leituras para me auxiliar nos encaminhamentos dados aos alunos.” (C.A.O. 36 anos)

“Espero encontrar estratégias para trabalhar com as crianças e principalmente com os profissionais.” (P.R.L.B. 29 anos)

“Conhecimento sobre educação sexual, bem como um ‘clareamento’ sobre o encaminhamento diante de crianças violentadas e ou com a sexualidade aflorada” (F.A.Q. 29 anos)

b) Desmistificar preconceitos:

“Compreender cientificamente comportamentos e interesses, manifestações sexuais dos abusos, a fim de saber como mediar, orientar ou não. Enfim, ter um olhar sem preconceitos e um discurso sem tabus.” (L.V. 39 anos)

“Experiência, conhecimento e desmistificação sobre o tema.” (C.S.O. 34 anos)

“A desmistificação sobre o assunto sexualidade, ou seja, tratar e falar da educação sexual, assim como qualquer outro assunto do currículo escolar.” (não declarou, 34 anos)

“Debates que enriqueçam o conhecimento sobre a temática. Opiniões diferentes.” (J.B.B. 29 anos)

“Dicas para abordar a masturbação infantil.” (M.C.P. 35 anos)

“Reflexões acerca do tema, conhecimentos científicos, repensar minha postura.” (T.F.M.S. 48 anos)

“Espero conseguir ‘quebrar’ o preconceito em relação ao gênero e diversidade que está enraizado na gente.” (S.C.L. 39 anos)

“Possibilidades de lidar com questionamentos dos alunos e filha de uma forma natural.” (M.I.F. 44 anos)

“Poder falar da educação sexual como qualquer outro assunto.” (não declarou, 38 anos)

De modo geral, as expectativas dos participantes com relação ao curso enfocam a busca de mais conhecimentos sobre o tema e também a desmistificação de preconceitos, a fim de poder falar sobre educação sexual, sexualidade e gênero com alunos sem repassar preconceitos.

O tema da educação sexual está relacionado a diversos preconceitos, e o professor deve estar sempre pronto para tirar dúvidas dos alunos sem emitir juízo de valor respondendo as questões de forma clara e sem preconceitos, com informações corretas do ponto de vista científico. (BRASIL, 1997)

- 3) Sobre a importância na formação dos educadores, pudemos notar que profissionais envolvidos se vêem como professores em formação, buscando aperfeiçoamento.

a) Como professores em formação:

“Interessante e muito importante. Melhor seria se todos os profissionais tivessem esta oportunidade.” (U.M.O. 54 anos)

“Nos ajuda a lidar com situações: educando a sexualidade infantil.” (S.A.B.B. 47 anos)

“São poucos apesar de necessários.” (V.C.S. 37 anos)

“Relevantes, porém pouco oferecidos.” (L.V. 39 anos)

“Uma ferramenta que auxilia na continuação da formação desses profissionais.” (J.B.B. 29 anos)

“Vejo a importância de o tema ser abordado com crianças. Ser abordado com conhecimento e responsabilidade.” (E.M.F.M.)

“Vejo como um momento de educadores aprenderem cientificamente e a tratar cientificamente sobre sexualidade com alunos, família e comunidade sem ofender a valores.” (R.C.S. 32 anos)

“Muito importante, pois, a educação sexual deve iniciar conforme a curiosidade da criança para que ela possa se proteger/ defender de forma madura do abuso sexual (pedofilia).” (M.I.F. 44 anos)

“Acho ótimo, bem elaborado pena que alguns educadores não perceberam ainda o quanto podem colaborar.” (P.R.L.B. 29 anos)

“Instrumento importante para exercer de forma ética a profissão e tratar com seriedade a temática educação sexual quando necessária.” (M.M.L. 41 anos)

“Oportunidade de repensar e desvelar preconceitos ou conceitos consolidados.” (R.N.P. 41 anos)

“Acho muito bom, pois desmistifica o assunto e dá “ferramentas” para que o professor explorar em sala de aula.” (S.C.L. 39 anos)

“Excelente, deveria haver mais trabalhos em relação ao gênero da sexualidade e sua diversidade cultural. Muitas pessoas se “fecham” quando se trata desse assunto.” (R.L.F. 42 anos)

Pudemos verificar o fato de os participantes assumirem uma postura de professores em formação a partir da busca por conhecimento afirmada e a importância de cursos com este tema declarado pelos participantes. Conforme Figueiró (2006), professores em formação somos todos nós que buscamos conhecimentos e experiências. Assim, os cursos, estudos e reflexões que são oferecidos para nossa formação continuada têm o intuito de aprimorar nossa prática social e cultural como professores em formação.

4) Tratando de experiências sobre questões de sexualidade na atuação profissional, os profissionais envolvidos declararam: a) preconceitos, b) divisão de gêneros e c) masturbação.

a) Preconceitos:

“Crianças que xingam o outro de *gay*; pequenos do primeiro ano que falam de namorar; risos quando abordam o assunto.” (U.M.O. 54 anos)

“Atitudes delicadas de alguns meninos e que passam a ser motivos para que colegas os chamem de mulherzinha, e às vezes de *gay*.” (E.M.F.M)

“Professor teólogo: vítima de preconceito. Aluno do segundo ano: diz que é *gay*, que gosta de homem.” (M.C.A.C. 51 anos)

“Discriminação de meninos considerados “afeminados”. (M.C.P. 35 anos)

b) Divisões de gênero:

“Meninos com recorte do encarte da ‘Americanas’ onde tem mulheres com lingerie.” (F.A.Q. 29 anos)

“Divisão de brinquedos e objetos de meninos e meninas, o que acontece também em escolha de cores. – criança tirando a roupa de outra (meninos e meninas) – menino ‘pegando’ no pênis do outro menino – meninos chamando o outro de mulherzinha.” (R.C.S. 32 anos)

“Desde mostrar as genitálias até namoro ‘ficar’ etc.” (não declarou seus dados)

“Filas de meninos e meninas, brinquedoteca com brinquedos diferenciados, material escolar diferenciado, crianças imitando cenas cotidianas vivenciadas em casa (pai dirigindo o carro, mãe cuidando dos filhos).” (C.S.O. 34 anos)

“Encontro filas separadas meninos e meninas, crianças se masturbando embaixo da mesa, beijo de mãe e pai na boca dos filhos, criança que se recusam de pegar nas cores ditas de meninas e muitos outros.” (C.A.O. 36 anos)

“Violência de gênero (algumas mães comentam, a maioria nega) masturbação especialmente de menores de sete anos, tanto meninos ou meninas; cor rosa só para meninas; brincadeiras separadas; famílias diferentes que recebem olhares/comentários; beijos na boca entre pais e filhos.” (T.F.M.S. 48 anos)

“Curiosidade sobre o sexo oposto ‘como é a vulva’ ‘o que é o pênis’, termos incorretos, sexualidade aflorada, preconceito devido à exploração da mídia, a criança vista/tratada como adulto em miniatura.” (M.M.L. 41 anos)

“Abuso, sexualidade ‘aflorada’ ou ‘despertada’ precocemente.” (R.N.P. 41 anos)

“Principalmente palavras pejorativas em relação ao gênero e muitas outras” (S.C.L. 39 anos)

c) Masturbação:

“Masturbação de meninos, meninos e meninas de várias idades querendo mostrar os órgãos sexuais ‘para os outros’, entre si, dizendo que querem namorar, que viu os pais ‘fazendo amor’ sem entender corretamente o que está acontecendo” (R.L.F. 42 anos)

“Masturbação/curiosidade sobre o assunto, informação que não correspondem à realidade, preconceitos e dificuldades de falar sobre.” (F.D.P. 49 anos)

“Curiosidade masturbação” (S.A.B.B. 47 anos)

Nessa questão sobre as experiências com situações envolvendo sexualidade e gênero relatadas pelos participantes, pudemos verificar preconceitos em relação ao comportamento de alguns alunos e separação de brinquedos, filas e atividades relacionadas a gênero. Além disso, os profissionais também declaram presenciar crianças que tocam ou mostram seus órgãos sexuais para as outras.

A partir dessas respostas, podemos perceber que os profissionais da educação buscam conhecimentos acerca do tema proposto, acreditam na importância do curso de extensão e buscam uma formação para atenderem as necessidades encontradas no espaço escolar. Goellner (2011) relata que as questões de gênero e sexualidade são

silenciadas dentro da escola, sendo mencionadas apenas ao representar o que é “normal, desejável e aceitável” dentro dos padrões que a sociedade considerar.

O segundo questionário (APÊNDICE 4), aplicado no último dia do encontro, buscava inquirir sobre vários assuntos, dentre os quais: se estes profissionais trabalham com seus alunos algum dos temas abordados nas oficinas; que dificuldades se impõem contra o trabalho com esses temas, se gostaram e quais as contribuições eles proporcionaram para sua vida.

- 1) Em relação a quais foram as experiências profissionais relatadas pelos participantes, não separamos as respostas em categorias. Assim, apenas exporemos abaixo todos os relatos, a fim de analisá-los de forma geral:

“Indiretamente, orientando professores sobre como trabalhar com a temática.”
(M.M.L. 41 anos)

“Indiretamente, com conversa quando necessário.” (S.A.B.B. 47 anos)

“Frequentemente a equipe pedagógica atende alunos que têm dificuldades em relação à sexualidade: crianças que passam a mão em outras, xingamentos são os mais frequentes. Mas também atendemos alunas que conversam conosco sobre situações que viveram fora da escola.” (R.C.S. 32 anos)

“Sim, também com os profissionais, talvez indiretamente a partir das situações que se apresentam. Ainda não elaboramos na escola uma intervenção sistematizada visto que o quinto ano aborda no quarto bimestre este tema.”
(M.C. 51 anos)

“Indiretamente por não estar em sala de aula. Tento abordar as questões aprendidas aqui nos momentos que possíveis, principalmente gênero.” (R.L.F. 42 anos)

“Indiretamente, muito pouco. Quando surgem questionamentos.” (C.S.O. 34 anos)

“Diretamente, ensinando-os sobre o cuidado com o corpo e também a não achar feio tocar o próprio corpo, utilizo leituras, textos ou conversas.” (C.A.O.36 anos)

“Sim, dentro do conteúdo programado e sempre que necessário.” (R.N.P.P. 41 anos)

“No momento não, já trabalhei vários conteúdos quando estava em sala de aula.” (S.C.L. 39 anos)

“Indiretamente porque não tinha segurança o suficiente.” (não declarou os dados)

Como é possível notar acima, a maioria dos profissionais participantes trabalha com a educação sexual apenas de forma indireta, devido a suas profissões de orientadores, coordenadores ou assessores pedagógicos. Em outros relatos, declararam que o assunto só é trabalhado quando o aluno faz questionamentos ou está dentro do programado, sem se estenderem muito. Assim, é fácil chegar à conclusão de que ainda haja receio ao se trabalhar com essa temática. Porém, de acordo com Braga (2012. p. 211), “uma proposta de orientação sexual adequada, consciente e emancipadora” pode contribuir para um bom trabalho sobre sexualidade e gênero dentro das escolas.

- 2) Quanto às dificuldades em trabalhar sobre o tema, foi possível classificar as dificuldades relatadas em: a) profissionais e pessoais, b) dificuldades com familiares e c) não encontram dificuldades para trabalhar com o tema.

a) Profissionais e pessoais:

“Na verdade há um certo ‘apavoramento’ mais por parte dos professores de forma não intencional, por não terem sido preparados para trabalhar com o tema, ou por não terem tido uma educação sexual tranquila, porque o aluno em si é bem tranquilo.”

“Falta de conhecimento e material.” (S.A.B.B. 47 anos)

“Falta de conhecimento para abordar o tema, tanto com os alunos, como com as famílias.” (C.S.O. 34 anos)

“Os pré-conceitos, minha formação.” (R.N.P.P. 41 anos)

“Falta de conhecimento.” (não declarou dados)

b) Dificuldades com os familiares:

“As famílias que são orientadas também não colocam em prática as orientações que poderiam ajudar seus filhos.” (R.C.S. 32 anos)

“Resistência devido às convicções da própria família: nem todos aceitam. Dão valores ‘diferenciados’ aos órgãos do corpo humano. Órgãos sexuais não são discutidos, esse tabu é difícil de desconstruir.” (M.C. 51 anos)

“Os pais por não entenderem a importância deste trabalho e alguns profissionais pelo mesmo motivo e até vergonha.” (C.A.O. 36 anos)

c) Não encontraram dificuldades:

“Sempre gostei de trabalhar.” (S.C.L. 39 anos)

“Nenhuma.” (R.L.F. 42 anos)

Assim, encontramos relatos que apontam dificuldades oriundas da própria formação do profissional, do material didático, e até mesmo dificuldades pessoais. Em outros, percebemos certo medo de se trabalhar com esse conteúdo devido à reação que a família pode ter, e em apenas dois relatos os profissionais afirmaram não encontrarem problemas ao trabalhar com a educação sexual.

Em relação às dificuldades acima consideradas, consta nos PCN (BRASIL, 1997) que a escola deve informar que propõe em sua proposta curricular trabalhar com essa temática. Além disso, compete à escola ensinar o respeito às diferenças, principalmente às opiniões das famílias.

3) Os participantes da pesquisa ainda apontaram algumas considerações complementares sobre as oficinas de capacitação, as quais seguem listadas abaixo:

“Aprendi muitas coisas. As oficinas me auxiliaram a esclarecer vários pré-conceitos que foram empregados ao longo dos anos.” (J.B.B. 30 anos)

“Sim, na verdade tudo foi bem esclarecedor.” (M.M.L. 41 anos)

“Sim. A possibilidade de refletir sobre questões que até então ainda não havia pensado.” (C.S.O. 34 anos)

“Sim, muito. Todas tiveram seus pontos marcantes.” (C.A.O. 36 anos)

“Em geral sim. Me marcou o interesse pela defesa de pessoas que sofrem violência sexual.” (R.C.S. 32 anos)

“Sim. É saber a quantidade de pessoas que têm dificuldades em trabalhar o assunto e a porcentagem de pessoas que se negam em falar sobre e as que são abusadas ou violentadas.” (R.L.F. 42 anos)

“Sim, crianças abusadas e suas implicações pedagógicas.” (S.C.L. 39 anos)

“Sim, o conhecimento das leis foram importantes, a técnica de contaminação que a professora Fabiana trabalhou, enfim todos os encontros foram significativos.” (R.N.P.P. 41 anos)

“Sim, o que mais marcou, e conscientizar, que preciso avançar nesta área.” (não declarou os dados)

“Muito. A seriedade, cientificidade e criticidade de todos, foi muito gratificante e surpreendente para mim. Me toca profundamente os abusos relacionados à criança indefesa e a covardia de quem deveria proteger. O desenho animado da última oficina me tocou profundamente.” (M.C. 51 anos)

A partir dos relatos dos participantes, podemos notar que todos se sentiram “marcados” de certa forma por algum debate exposto nas oficinas. Além disso, afirmaram que todas elas refletirão em sua atuação profissional dentro de um tema que está em evidência todos os dias em casa ou na escola. “As questões referentes à sexualidade não se restringem ao âmbito individual. Pelo contrário, muitas vezes, para

compreender comportamentos e valores pessoais é necessário contextualiza-los social e culturalmente” (BRASIL, 1997, p.127).

- 4) Sobre as contribuições oferecidas pelas oficinas de capacitação aos participantes, foi relatado o seguinte:

“Conhecimentos mais aprofundados sobre a temática ‘sexualidade’, que muitas vezes são empregadas nas peças publicitárias.” (J.B.B. 30 anos)

“Tranquilidade, esclarecimento, segurança e conteúdo para lidar e trabalhar com a temática.” (M.M.L. 41 anos)

“Clareza para trabalhar o assunto.” (S.A.B.B. 47 anos)

“Ampliou meus conhecimentos, me dando mais subsídios para o trabalho.” (C.A.O. 36 anos)

“Muitas. Contribuiu no desenvolvimento do meu trabalho, orientando melhor alunos e profissionais da educação como trabalhar o gênero e sexualidade nas escolas e centro de educação infantil.” (R.L.F. 42 anos)

“Refletir e repensar a minha prática profissional no que diz respeito à educação sexual de crianças.” (C.S.O. 34 anos)

“Compreensão mais ampla sobre sexualidade em seus diferentes aspectos.” (R.C.S. 32 anos)

“Infinitas. Contribuíram principalmente para derrubar minhas próprias barreiras como educadora profissional e dentro da minha própria casa.” (M.C. 51 anos)

“Conhecimentos dos termos, a cruzadinha do último encontro sinalizou o quanto precisamos estudar. A reflexão realizada nos encontros nos faz pensar e repensar nossa prática profissional e pessoal.” (R.N.P.P. 41 anos)

“Para vida familiar e escolar e saber que posso deixar marcas boas e ruins nos nossos alunos. Por isso é muito importante saber e retomar alguns conceitos e posturas.” (não declarou os dados)

“Contribuíram para reflexão sobre nossa prática no sentido de estarmos ‘alertas’ às questões sexistas que surgem no nosso cotidiano e que são tratadas de forma tão natural.” (S.C.L. 39 anos)

As contribuições relatadas pelos participantes são de grande importância, não somente para o trabalho de análise, mas para perceber que cada um pode crescer profissionalmente e pessoalmente com um curso dessa natureza. Percebemos que ao se falar mais sobre o assunto, quebramos tabus que vêm sendo construídos desde a nossa infância até a nossa formação e atuação. E, assim, acreditamos que o essencial nos cursos de formação para professores é trabalhar com a desmistificação do tema, trabalhar os conhecimentos científicos a fim de realizar um trabalho pedagógico consciente e sem preconceitos.

Sobre esse assunto, Foucault (2009, p. 30-31) afirma que

[...] deve-se falar do sexo, e falar publicamente, de uma maneira que não seja ordenada em função da demarcação entre o lícito e o ilícito [...] cumpre falar do sexo como de uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar, mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo. O sexo não se julga apenas, administra-se.

É extremamente notável que falamos sobre os nossos órgãos ou partes do corpo de forma natural, mãos, braços, pés, sistema respiratório, sistema digestório, etc. Mas, ao se falar sobre os órgãos sexuais feminino e masculino, vulva e pênis, criamos barreiras, medos que nos foram incutidos ao longo da nossa vida. Por isso, ressaltamos a importância de cursos de formação, pois os profissionais da educação demonstram dificuldades ao trabalharem com o tema da sexualidade. Braga (2012, p. 211) defende que “uma proposta de educação sexual adequada, consciente e emancipadora poderia contribuir para o objetivo de tornar toda a comunidade educativa apta a discutir assuntos importantes para discernimento na área da sexualidade”. Esse

tipo de proposta é o que é defendido pelas oficinas de capacitação, que objetivam dar subsídios teóricos para que os profissionais da educação possam trabalhar com esse tema sem receios em relação ao que terão de dizer e sem repassar os preconceitos de sua formação.

Encontramos nos PCN (BRASIL, 1997, p. 123) que “é necessário então que o educador tenha acesso à formação específica para tratar da sexualidade, com crianças e jovens na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato do tema”. Sendo este o objetivo do curso de extensão “Gênero e Sexualidade no espaço educativo: oficinas de capacitação para profissionais da Educação Infantil, Ensino Fundamental”, trazer conteúdos e discussões acerca da educação sexual, sexualidade e gênero no espaço educativo.

Portanto, destacamos a importância de uma formação específica para se trabalhar com a temática, pois durante nossa formação presenciamos diversas informações sobre o que é sexualidade e gênero, mas para se trabalhar com nossos alunos é preciso mais conhecimento, é necessário se adquirir um saber sistematizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa nos mostra que os profissionais da educação muitas vezes não se sentem preparados para trabalhar com o tema sexualidade e gênero, eles relatam falta de conhecimento, de material adequado. Entre os relatos, há um que aponta que “na verdade há certo ‘apavoramento’ mais por parte dos professores, de forma não intencional, por não terem sido preparados para trabalhar com o tema, ou por terem tido uma educação sexual tranquila, porque o aluno em si é bem tranquilo.” (M.M.L 41 anos).

Esses profissionais da educação compreendem a importância de cursos de capacitação para desmistificar preconceitos da própria educação que receberam, e por meio de textos e documentos propostos nas oficinas, acreditam conseguir subsídios teóricos e científicos para melhorar seu trabalho dentro das escolas.

Dessa forma, podemos afirmar que, quanto mais se falar sobre o tema mais conhecimentos vamos adquirir, podendo assim fazer um trabalho consciente, sistematizado e sem preconceitos dentro das instituições escolares. Isso foi o que buscou o curso de extensão oferecido para as instituições de educação infantil e ensino fundamental oferecido pela professora e doutora Eliane Rose Maio, que está engajada nessa discussão desde sua graduação, preocupando-se com o modo como a sexualidade e o gênero são vistos dentro das escolas, sempre debatendo e falando sobre a sexualidade. Assim, busca, nessas oficinas, oferecer conhecimentos científicos acerca da sexualidade, trazendo discussões e propostas de mudanças sobre as questões da sexualidade, gênero, direito e diversidade sexual no espaço educativo, oportunizando a troca de experiência e debates entre os educadores para que possam saber como agir diante das descobertas dos seus alunos referentes ao seu corpo e sua sexualidade, apresentando possibilidades de trabalhos e discussões realizadas dentro de sala de aula.

Enquanto futura pedagoga, ainda sinto a necessidade de aprender mais sobre sexualidade e gênero. Minha formação familiar sobre o assunto foi restrita, durante o período escolar tive apenas uma professora que trabalhou sobre a temática e durante o a graduação de Pedagogia tivemos apenas a professora e doutora Eliane Rose Maio, a professora e doutora Ivana Guilherme Síмили que em meio às suas disciplinas nos falaram sobre sexualidade e gênero, e a professora e doutora Elma Júlia Gonçalves de Carvalho que nos proporcionou seminários, no qual pudemos ouvir falar sobre sexualidade e gênero, como também sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais para Orientação Sexual nos Temas Transversais e outros documentos que auxiliam o trabalho do professor em seus planejamentos.

A partir das análises realizadas, podemos verificar a importância de estudos, cursos, palestras e informações que possam auxiliar o professor no seu trabalho educativo, trazendo mais conhecimentos aos profissionais da educação para que todos possam sistematizar suas aulas no intuito de trazer reflexões aos seus alunos, resultando em um trabalho consciente, sistematizado e sem preconceitos dentro das instituições escolares. Isso é o que buscava o curso de extensão.

Foi muito gratificante participar das Oficinas de Capacitação, sobre as quais posso dizer que aprendi muito sobre sexualidade e gênero no espaço educativo, a partir dos conteúdos propostos pelas oficinas e também com os relatos e contribuições expostos durante os dias do curso. Acredito que a prática também nos ensina como lidar com as questões do cotidiano escolar, mas para isso devemos sempre estar abertos a novos conhecimentos, assim aperfeiçoando nossa prática educativa.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. Educação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, vol. 9, nº. 2, 2001, p. 1-12.

BRAGA, Eliane Rose Maio. “**Palavrões**” ou **Palavras**: Um estudo com educadoras/es sobre sinônimos usados na denominação de temas relacionados ao sexo. (Doutorado). Tese Doutorado. UNESP/Araraquara, 2008.

BRAGA, Eliane Rose Maio. Gênero, Sexualidade e Educação: questões pertinentes a Pedagogia. *In*: CARVALHO, Elma Júlia Gonçalves de. FAUSTINO, Rosangela Célia. (Org.) **Educação e Diversidade Cultural**. 2. ed. Maringá: Eduem, 2012. p. 209-222.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: pluralidade cultural, educação sexual. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, Resolução Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno nº1, de 15 de Maio de 2006. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 16 Maio de 2006, Seção 1. p. 11.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Formação de educadores sexuais**: adiar não é mais possível. Campinas: Mercado de Letras; Londrina: Eduel, 2006. (Coleção Dimensões da Sexualidade)

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**: a vontade do saber. 19.ed. São Paulo: Graal, 2009.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Corpo, gênero e sexualidade: reflexões necessárias para pensar a educação escolar. *In*: SIMILI, Ivana; COLETO, Maytê G. (Org). **Corpo, Gênero e Sexualidade**. Maringá: Eduem, 2011 (formação de professores - EAD), p. 04-13.

LOURO, Guacira Lopes. Corpos que escapam 1. **Labrys, estudos feministas**. Número 4, ago/dez, 2003, p.1-6.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. *In*: _____. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 9–33.

TONET, Ivo. Educação e Formação Humana. **Ideação Revista do Centro de Educação e Letras da Unioeste**. Foz do Iguaçu, v. 8, nº9, 2º semestre de 2006, p. 9-21.

APÊNDICES

APÊNDICE 1- CARTA DE ANUÊNCIA DA DIRETORA DE ENSINO DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE MARINGÁ
ESTADO DO PARANÁ

Eu, Adriana de Oliveira Chaves Palmieri, Diretora de Ensino da Secretaria Municipal de Educação, venho por meio desta, autorizar a acadêmica de Pedagogia, da Universidade Estadual de Maringá, Juliana Leandrin RA: 56444, para desenvolver um projeto de Trabalho de Conclusão de Curso, no qual terá como metodologia a aplicação de questionários em profissionais da educação, participantes das Oficinas de Capacitação sobre gênero e sexualidade, que acontecerão em oito encontros.

O primeiro questionário será realizado no início das Oficinas com a intenção de conhecer a formação deste/a profissional; o que ele/a espera encontrar nas Oficinas de educação sexual e gênero, qual motivo os/as levou a procurar as Oficinas, como veem cursos ou oficinas que trabalham com a formação de educadores/as para trabalhar com o tema educação sexual e gênero, quais cenas, sobre gênero e sexualidade, encontram em sua atuação profissional.

A segunda parte do questionário será aplicada no último encontro da Oficina de Capacitação, questionando como são trabalhados os conteúdos abordados nestas Oficinas, quais as dificuldades encontradas para se trabalhar com o tema educação sexual e gênero, quais oficinas mais contribuíram para sua formação e o que mais lhes marcaram.

O objetivo da pesquisa é analisar como está ocorrendo a formação de professores/as sobre o tema transversal educação sexual e gênero, tendo a finalidade de desenvolver um trabalho de conclusão de curso no ano de 2012.

Atenciosamente

Prof.ª Adriana de O. C. Palmieri
Diretora de Ensino - Seduc
Decreto nº 814/2011 - GAPRE

Maringá, 08 de maio de 2012.

APÊNDICE 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidá-los/las a participar da pesquisa intitulada “**Oficinas de capacitação: espaços para discussão de sexualidade e gênero**”, que faz parte do Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia e é orientada pela prof. Dra. Eliane Rose Maio, da Universidade Estadual de Maringá. O objetivo da pesquisa é analisar como está ocorrendo a formação de professores/as sobre o tema transversal educação sexual e gênero. Para isso, a sua participação é muito importante, e ela se daria da seguinte forma: vamos aplicar questionários em Oficinas de Capacitação para profissionais da educação do município de Maringá que acontecerão em oito encontros. O primeiro questionário será realizado no início das Oficinas com a intenção de conhecer a formação deste/a profissional, o que ele/a espera encontrar nas Oficinas de educação sexual e gênero, qual motivo os/as levou a procurar as Oficinas, como veem cursos ou oficinas que trabalham com a formação de educadores/as para trabalhar com o tema educação sexual e gênero, quais cenas, sobre gênero e sexualidade, encontram em sua atuação profissional.

A segunda parte do questionário será aplicada no último encontro da Oficina de Capacitação, questionando como são trabalhados os conteúdos abordados nestas Oficinas, quais as dificuldades encontradas para se trabalhar com o tema educação sexual e gênero, quais oficinas mais contribuiriam para sua formação e o que mais lhes marcaram.

Informamos que poderão ocorrer riscos, tais como: desconfortos em responder as questões, porém caso ocorram, você pode desistir de participar da pesquisa e afirmamos que seu nome será mantido em sigilo.

Gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa, e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

Os benefícios esperados são, a partir destes questionários, analisar como o/a professor/a está sendo capacitado/a para trabalhar com o tema educação sexual e gênero dentro das escolas e comparar com dados bibliográficos.
P. 1 de 2.

Caso você tenha mais dúvidas ou necessite mais esclarecimentos, pode nos contatar nos endereços abaixo ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da UEM, cujo endereço consta deste documento. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você.

Eu,.....declaro que fui devidamente esclarecido e concordo em participar VOLUNTARIAMENTE da pesquisa coordenada pelo Prof. Dra. Eliane Rose Maio.

_____ Data:.....

Assinatura

Eu, Dra. Eliane Rose Maio, declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra-nominado.

_____ Data:.....

Assinatura da pesquisadora

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com as pesquisadoras, conforme os endereços abaixo:

Nome: Eliane Rose Maio
Endereço: Av. Colombo, 4750
Telefone: 30115104

Nome: Juliana Leandrin
Endereço: AV: João Marangoni 1242, JD Novo Panorama.
(telefone/e-mail): (44) 9958-0862 / ju_leandrin@hotmail.com

Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) envolvendo Seres Humanos da UEM, no endereço abaixo:

COPEP/UEM

Universidade Estadual de Maringá.

Av. Colombo, 5790. Campus Sede da UEM.

Bloco da Biblioteca Central (BCE) da UEM.

CEP 87020-900. Maringá-Pr. Tel: (44) 3261-4444

E-mail: copep@uem.br

P. 2 de 2

APÊNDICE 3- QUESTIONÁRIO DAS OFICINAS DE CAPACITAÇÃO PARA PROFESSORES DA REDE MUNICIPAL DE MARINGÁ (PRIMEIRA ETAPA)

Nome: (iniciais).....

Formação:

Idade:

Atuação profissional:

1) Qual o motivo que te levou a procurar as oficinas?

R:.....

.....

.....

2) O que você espera encontrar nas oficinas de educação sexual?

R:.....

.....

.....

.....

3) Como você vê cursos ou oficinas que trabalham com a formação de educadores para trabalhar com o tema educação sexual?

R:.....

.....

.....

.....

4) Quais cenas, sobre gênero e sexualidade, você encontra em sua atuação profissional?

R:.....

.....

.....

.....

APÊNDICE 4 - QUESTIONÁRIO DAS OFICINAS DE CAPACITAÇÃO PARA PROFESSORES DA REDE MUNICIPAL DE MARINGÁ (SEGUNDA ETAPA)

Nome:(iniciais).....

Formação:.....

Idade:.....

Atuação profissional:.....

- 1) Você trabalha com seus alunos os conteúdos abordados nestas oficinas. Diretamente ou indiretamente? Como?

R: _____

- 2) Qual a dificuldade que você encontra em trabalhar com seus alunos sobre este tema?

R: _____

- 3) Gostou das oficinas apresentadas? Descreva o que mais lhe marcou?

R: _____

- 4) Quais as contribuições que as oficinas proporcionaram para sua formação?

R: _____

